Digitalizado pela Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
Disponível em http://www.etnolinguistica.org/index:edelweiss

FREDERICO G. EDELWEISS

ESTUDOS TUPIS E TUPI-GUARANIS

CONFRONTOS E REVISÕES

LIVRARIA BRASILIANA EDITÔRA
RIO DE JANEIRO
1969

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

III

O SUFIXO VERBAL *"ABA"* NO TUPI, NO GUARANI E NO BRASILIANO.

1 — O sufixo da série *aba* é principalmente verbal, em tupi. Os derivados por êle formados de verbos são substantivos e acrescentam ao ato verbal a noção de lugar, de modo, de tempo, apetrecho, ou ainda de certas circunstâncias ocasionais de originalidade mais ou menos discutível.

O derivado em *aba* supera, pois, sensìvelmente o sentido substantival do infinitivo, que é um abstrato puro e simples, despido de qualquer idéia adicional.

Vejamo-lo num exemplo:

morabyky, (p-)	—	o trabalhar, o trabalho;
nde porabyky	—	teu trabalhar, teu trabalho;
nde porabykyaba	—	(o local de) teu trabalho; (o modo de) teu trabalho; (a ocasião de) teu trabalho, etc, segundo as insinuações palpáveis da frase.

Mas, não há dúvida que as citadas acepções de *porabyky* se confundem com a que a palavra abstrata *trabalho* tem no português em enunciados como: *"teu trabalho não me satisfaz"*, *"teu trabalho impedirá o nosso convívio*.

Essa convergência foi sem dúvida uma indução para, no correr dos tempos, conferirem aos verbais em *aba* também sentido abstrato despido de quaisquer idéias circunstanciais, que no tupi antigo pertence tão só ao infinitivo.

Nem parece estranhável essa tendência na fase de adaptação de uma língua à crescente aculturação e às necessidades da catequese. Entretanto, nos compêndios jesuíticos ela mal se esboça, ainda mesmo decorrido mais de um século de atividades missioneiras, prova evidente de que os dois substantivos verbais, o infinitivo e o derivado em *aba*, continuavam ainda a manter-se dentro das suas fronteiras originais.

2. — *Aba* também aparece no tupi antigo nos poucos e titubeantes ordinais. Mesmo acima de *quatro*, a formação se atém rigorosamente à praxe tupi fixada nos três primeiros.

Encontramos assim:

i mokoĩdaba	—	a segunda vez(1);
i mosapysaba	—	o terceiro (lugar) (2);
i monherundykaba	—	o quarto (lugar) (3);
i mosincosaba	—	o quinto (lugar) (4);
i moseisaba	—	o sexto (lugar) (5).

Aliás, o sufixo *aba* não se acha nestas formas vocabulares tão fora do seu ambiente, quanto à primeira vista poderá parecer. Todos êsses ordinais são verbos em sua essência, como claramente indica o prefixo transitivador *mo* — *fazer* (*com que*), *tornar*, que lhes forma a parte inicial. Cabe-lhes, pois, legitimamente o sufixo *aba*, portador da idéia de lugar ou sucessão, que promove os cardinais a ordinais.

3. — *Aba* também aparece no tupi antigo sufixado a uns poucos nomes, formando derivados com o seu *significado adjetival*.

Entretanto, para situarmos adequadamente os vocábulos assim obtidos, é de suma conveniência aduzirmos algumas considerações em tôrno ao desenvolvimento do sentido adjetival e da constituição definitiva da respectiva classe(5).

O *Vlb*. entremostra claramente que no tupi antigo a qualificação isolada estava começando a ensaiar os seus primeiros passos, quando os jesuítas chegaram ao Brasil. A darmos ao seu *Vlb*. o crédito, que evidentemente merece, as tentativas de abstração das características ocasionais, enunciando-as desligadas de qualquer portador, por um adjetivo genuíno ,uma abstra-

---

(1) — *Vocabulário na Língua Brasílica;* I. ed. p. 388.

(2) — *Araújo, Pe. Antônio de —; Catecismo na Língua Brasílica;* I. ed. fl. 154.

(3) — *Bettendorff, Pe. J F. —; Compêndio da Doutrina Cristã;* II. ed. p. 10

(4) — *Idem, Ibidem.*

(5) — Veja o capítulo *Da Origem do Adjetivo Tupi.* P. III. cap. II.

ção, podem ser contadas nos dedos(6). A grande maioria das idéias qualitativas ficou no terreno prático dos concretos.

Isso não impediu a enunciação de qualidades, que era feita através de substantivos concretos descritivos. A qualidade, na maioria dos casos, era circunscrita por um substantivo acompanhante, formando verdadeira palavra composta, ou a sua atribuição era vaga e como tal subentendia o indeterminado *cousa* ou *lugar*, como se vê nos exemplos seguintes:

tinga	—	cousa branca;
itá-tinga	—	pedra branca;
ybaté	—	cousa alta;
ok-ybaté	—	casa alta, sobrado;
aiba	—	lugar íngreme;
ybyam-aiba	—	ladeira íngreme.
etc. etc.		

No *Vpb*. o sentido concreto primitivo ainda está bem patente.

Havia, portanto, *cousas* e *sítios* brancos, altos, inclinados etc. mas o isolamento geral de tais conceitos adjetivais concretos para abstratos só devia esboçar-se definitivamente pela civilização.

Vencida essa etapa, o mesmo vocábulo tendia naturalmente a incorporar também o sentido substantival abstrato, tão chegado ao adjetival, já que no tupi todos os nomes genuínos são nomes *latu sensu* e comportam, na sua maioria, todos êsses conceitos sem mudança na forma lexical.

Mostrando, pois, o que acabamos de afirmar, no exemplo *tinga*, podemos dizer que a sua evolução semântica obedeceu à sucessão seguinte:

cousa branca	(substantivo concreto vago);
>branco	(adjetivo qualificativo)
>brancura	(substantivo abstrato).

O mesmo vale, *mutatis mutandis*, para tôdas as designações de qualidades.

Não precisamos frisar, que, na linguagem culta, essas três acepções na mesma forma léxica tinham os seus inconvenientes pelo menos teóricos.

Comparando agora, com o que acabamos de expor, os raros substantivos derivados, encontradiços no tupi antigo e formados de nomes por meio do sufixo *aba*, vemos logo, que êsse desenvolvimento diverge da praxe comum. A sua limitada ocorrência sugere, além disso, tratar-se de uma diversificação mórfica relativamente nova.

(6) — Edelweiss, Frederico G. —; *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi;* pp. 92-97.

Vejamos, para melhor compreensão, os exemplos respigados nos primeiros compêndios jesuíticos:

angaipaba	—	mau, depravado; maldade, depravação;
angaipapaba	—	maldade, ruindade, pecado(7);
apyama	—	cousa inclinada, — a pique; inclinado;
apyambaba	—	lugar a pique, desnível, perau;
auîé	—	cousa terminada, — vencida, acabado;
auîesaba	—	término, fim, acabamento;
esàraîa (t-, r-, s-)	—	esquecido, esquecimento;
esaraîtaba (t-, r-, s-)	—	cousa esquecida.
maenduara	—	lembrado, lembrança;
maenduasaba	—	cousa lembrada, lembrança, memória;
mondá	—	ladrão, aladroado;
mondàsaba	—	cousa furtada;
oryba (t-, r-, s-)	—	alegre, contente, contentamento;
orypaba (t-, r-, s-)	—	contentamento, glória celestial(8).

Se examinarmos mais de perto as acepções dêsses poucos substantivos derivados, formados de nomes mais *aba*, verificaremos que *apyambaba, esaraîtaba* e *mondàsaba* são conceitos concretos; *angaipapaba, auîesaba* e *orypaba* são abstratos, enquanto *maenduasaba* tem sentido concreto e abstrato.

Nêles não se verifica, pois, a tendência manifesta e muito menos a exclusiva de, por meio de *aba*, formar têrmos abstratos de nomes, nem mesmo pelos anos mais recentes de 1668/87, em que o pe. Bettendorff publicou o seu catecismo e as segundas edições da gramática do pe. Figueira e do catecismo do pe. Araújo.

(8) — Veja abaixo as referências a *nhyrãsaba* e *kyàsaba*, de Bettendorff.

Mas, temos aí, isso sim, uma pequena ampliação da função original de *aba* a serviço da clareza, quando esta era prejudicada pela multiplicidade dos significados de uma única forma léxica. A maior clareza foi certamente o motivo precípuo, que, nos casos restritos apontados, fez do sufixo verbal *aba* um sufixo nominal, ou, mais especificamente, adjetival. Entretanto, como já dissemos, êsse desenvolvimento foi tão reduzido, no tupi antigo, durante um século e meio, que a própria estagnação nos dissuade de atribuirmos o seu início à influência européia.

Por outro lado, a completa falta de referências dos gramáticos à exceção, que constituía o acréscimo, em adjetivos, de um sufixo por êles mesmos rotulado de verbal, explica-se pelo fato de considerarem tais qualificativos como nomes verbalizados(9).

Mais difícil é justificar a forma *enondèsaba* (t-, s-, r-), na expressão *i ara renondèsaba* (ara) — *a véspera,* que ocorre pelo menos duas vêzes na II. edição do catecismo do pe. Antônio de Araújo, de 1686(10).

Se *enondèsaba* ocorresse uma única vez, poder-se-ia admitir êrro de transcrição por *enondèasaba* — adiantamento, precedência, um legítimo nome verbal de *enondèara* — *adiantar-se, tomar a dianteira, estar antes.*

Para traduzir *dianteira, precedência, véspera* com o têrmo *enondé,* só se pode recorrer ao sufixo adverbial *sûara.*

No guarani, o correspondente de *sûara* é *gûara;* e, como ali traduziram *véspera* por *enondègûara,* isto é, por advérbio mais o sufixo próprio dos advérbios, é justo, que admitamos componentes idênticos no tupi. Ora, sendo *sûara* o sufixo tupi nominalizante dos advérbios e locuções adverbiais, a forma que no tupi antigo corresponde ao guarani *enondèguara* é, *enondèsûara,* exatamente aquela que se acha registada no *Vlb*: *cousa dianteira na ordem*(11), de onde *ara renondèsûara* — *o dia precedente, a véspera.*

Se pudéssemos admitir a existência de um verbo *enondé* — *sair adiante,* como Batista Caetano *alvitra* para o guarani, o sufixo *aba* estaria plenamente legitimado; ligado a um advérbio

(9) — Veja a êsse respeito *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi,* pp. 64-78, onde o assunto vem exposto em seus pormenores.

(10) — Pg. 121 e 123.

(11) — *Vlb.* verbete *dianteira cousa na ordem.* Na I ed. do *Vlb.* vem por êrro de transcrição *tenondèsara,* que a II. ed. corrige para *tenondèsûara.*

constitui uma infração, ou, para sermos tolerante, uma evolução irregular da gramática tupi. Mas, *enondèsaba* só figura na II. edição do Catecismo de Araújo, editada em 1686, quase século e meio depois do início da colonização e representa no gênero a única divergência com o *Vlb. que é muito mais antigo*(12).

Nesta altura insinua-se, porém uma indagação: a quem se deve essa inclusão do têrmo *enondèsaba?*

Já dissemos que foi o pe. Bettendorff que dirigiu, em Lisboa, a reimpressão do catecismo de Araújo, ao tempo em que providenciava a publicação de outro menor em uso no Maranhão e Pará e que leva o seu nome.

Pois bem, no catecismo de Bettendorff, *saba* aparece sufixado a mais dois nomes: *nhirõsaba* e *kyàsaba*(13).

Não queremos, por causa de mais dois nomes derivados, debitar também *enondèsaba* a Bettendorff, mas apenas frisar que o emprêgo extraverbal de *saba,* tendendo embora a crescer pelo fim do século dezessete, ao menos na região amazônica, a sua ocorrência anômala continua tão esporádica, que caracteriza muito mais um deslise do que uma tendência intrínseca do tupi antigo e tem o condão de salientar a sua singular estabilidade no contato com o português.

No capítulo restrito do sufixo *saba* o guarani de Montoya e de Restivo se mostra muito menos conseqüente do que o tupi, embora ambos o classifiquem como sufixo verbal.

No *brasiliano,* em meio à diluição geral dos velhos preceitos gramaticais, *saba* descaracteriza-se definitivamente.

Depois dos sete derivados tupis irregulares citados acima, vejamos agora na lista seguinte de nomes e expressões adverbiais, outro apanhado de exemplos ilustrativos do desenvolvimento extraverbal do sufixo *saba,* no tupi e no brasiliano, assim como de *há(ba)*, que lhe corresponde no guarani.

Temos nêle uma proporção expressiva do desvio geral acusado nos três dialetos tupi-guaranis, que patenteia ao mesmo tempo o quanto, no particular, o tupi se ateve às formas primitivas e como o guarani as vai adulterando gradativa e contraditòriamente(14), enquanto no brasiliano se perde totalmente a noção da afinidade primitiva de *saba.*

(12) — A I. edição, de 1618 traduz *véspera* por *piasaba* (*ara*), que também ocorre na II. edição.

(13) — Segunda edição, pp. 100 e 113.

(14) — Referimo-nos à denominação de *verbal,* quando aplicam *há(ba)* declaradamente também a outras classes.

brasiliano	*guarani*	*tupi*	*português*
anamasaba	— anã	— anama	— parentesco;
gûasusaba	— tubixahá(ba)	— tubixaba	— grandeza, alteza;
kaneõsaba	— kaneõ	— kaneõ	— cansaço;
katusaba	— marangatùha-ba, angatuhaba	— marangatû, angaturama	— bondade;
kyàsaba	— kyá	— kyá	— sujeira;
mbaèasysaba	— mbaèasy	— mbaèasy	— doença;
meûãsaba	— mengûã / tekòmengûã	— memûã / tekòmemûã	— malícia, chocarrice;
nhyrõsaba	— nhyrõhaba	— nhyrõ	— perdão;
pekusaba	— pukuhába	— mukú, pukú	— comprimento;
po-osusaba	— pogûasú	— pogûasú	— grossura (de fio ou pano);
porangaba	— porangaba, morangaba	— moranga, poranga	— formosura, beleza;
pyrantãsaba	— pyatã	— myatã, pyatã	— fôrça;
supisaba	— hupikatuhaba	— supi (-katú)	— certeza, verdade;
tenondèsaba	— tenondegûara	— tenondèsa-ba(!)	— dianteira;
turusùsaba	— (não existe)	— turusú	— grandeza;
typysaba	— typy	— typy	— profundidade;
ybatèsaba	— ybatehá(ba)	— ybaté	— altura.

O confronto dêsses têrmos causará certamente mais uma decepção a todos aquêles que vêem no tupi e no guarani uma e a mesma cousa e outra não menor aos que pretendem ligar o *Dpb*. ao nome do pe. Luís Figueira.

A culpa cabe menos aos abnegados estudiosos do que ao encaminhamento atabalhoado dos estudos tupi-guaranis e continuará inevitàvelmente enquanto, entre nós, não se tomar o tupi como ponto de partida e não se evitar rigorosamente a citação de paradigmas guaranis ou brasilianos para ilustrar fatos lingüísticos tupis. Estudos comparativos só se compreendem como segunda etapa.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

IV

O SUFIXO TUPI "SÛERA" E OS SEUS CORRESPONDENTES NO BRASILIANO E EM OUTRAS LÍNGUAS TUPI-GUARANIS.

Os estudos comparativos entre os dialetos tupi-guaranis ainda são raros e quase inexistentes os que focalizam as divergências locais dentro da área do próprio tupi.

A exposição que se segue é uma decorrência de certas observações feitas no *Dicionário Português e Brasiliano*. Ampliamo-las depois para oferecer aos estudiosos um quadro comparativo do assunto, abrangendo as línguas e dialetos mais conhecidos da família tupi-guarani.

Existe nelas, para traduzir: a vontade, o desejo, o pendor, o costume, a mania, um sufixo cujo desenvolvimento merece examinado por vários títulos.

Ocorre em três formas principais: a do Sul e do Oeste, a do Leste e a do Norte.

Há quem vê participios em tais derivados. A sua origem e função no tupi de fato permitem essa classificação. Há, porém, línguas da família tupi-guarani, em que a partícula aludida se apõe, não apenas a verbos, formando nomes verbais, mas também a adjetivos e até a substantivos. E, não isso apenas. Acrescenta-se ainda a verbos conjugados para formar não já nomes, mas complexos verbais só traduzíveis em português por dois verbos.

Diante de tais desenvolvimentos preferimos não empregar o têrmo *participio*, principalmente em estudos comparativos.

Especificaremos, pois, os diversos derivados de acôrdo com o respectivo caso, evitando generalizar uma classificação baseada tão sòmente na realidade tupi.

Comecemos as nossas indagações pelos fatos meridionais para terminar naqueles que ora mais nos interessam e sugeriram estas considerações.